

# Barbosa Lima Sobrinho X Tim Lopes, uma disputa de troféus: O *Prêmio Imprensa Embratel* e as especificidades do Jornalismo Investigativo <sup>1</sup>

## Barbosa Lima Sobrinho X Tim Lopes a trophy dispute: *Embratel Press Award* and the specificities of Investigative Journalism

Soraya Venegas Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** O que o gaúcho, nascido em 1951, Archanjo Antonino Lopes do Nascimento, conhecido como Tim Lopes, morador por anos no Morro da Mangueira no Rio de Janeiro e que entrou no Jornalismo como contínuo da revista *Domingo Ilustrado*, se graduando posteriormente, pode ter a ver com o pernambucano, nascido em 1897, José Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, o Doutor Barbosa, advogado, que se tornou jornalista nos anos 20, por 73 anos assinou uma coluna no *Jornal do Brasil*, foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa e membro da Academia Brasileira de Letras? Além de terem se encontrado no *JB*, ambos emprestam seus nomes a troféus oferecidos pelo *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* respectivamente para a melhor Reportagem de Jornalismo Investigativo e para o grande prêmio de cada edição do certame. Curiosamente, muitas das reportagens vencedoras do *Barbosa Lima* foram inicialmente inscritas para o *Tim Lopes*, o que nos leva à hipótese de que as práticas jornalísticas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 23 e 25 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), com Pós-Doutorado em Teorias do Jornalismo (PPGCom-UFF). Pesquisadora do Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá, onde desenvolve pesquisas sobre o conceito de excelência profissional, riscos e jornalismo investigativo. Além de participar do NDE dos cursos da área de Comunicação e Artes, é coordenadora do Curso de Jornalismo e professora titular da Universidade Estácio de Sá nas .Avaliadora de Cursos do MEC-INEP. Email:sosovenegas@yahoo.com.br.

valoradas pelo menos nos últimos 15 anos pela premiação se afinam com o conceito de Jornalismo Investigativo, mesmo que não estejam diretamente ligadas à prática cotidiana do Doutor Barbosa.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Investigativo, Paradigmas de Excelência, *Prêmio Imprensa Embratel/Claro, Troféu Tim Lopes, Troféu Barbosa Lima Sobrinho*

**Abstract:** What Archanjo Antonino Lopes do Nascimento, known as Tim Lopes, born in Rio Grande do Sul, in 1951, has to do with José Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, known as Doctor Barbosa, born in 1897, in Pernambuco? The first one lived for years in Morro da Mangueira, in Rio de Janeiro, and worked as an office boy for *Sunday Illustrated Magazine*, where he became a journalist. The second one was a lawyer, and became a journalist in the 20's. For 73 years, he was responsible for opinion articles for *Jornal do Brasil*. He was also president of Brazilian Press Association and member of Academia Brasileira de Letras. Besides having worked in *Jornal do Brasil*, both lend their names to trophies offered by Embratel/Claro Press Award respectively for the best Investigative Journalism Report and the Grand Prix of each edition of the competition. It is amazing to notice that many of the winning stories of Barbosa Lima Trophy were initially registered for the Tim Lopes Trophy, what leads us to the hypothesis that the journalistic practices valued at least for the past 15 years are connected to the concept of Investigative Journalism, even if they are not very much alike Dr. Barbosa's everyday practice of Journalism.

**Keywords:** Investigative Journalism, Paradigms of Excellence Award Press Embratel / Claro, Tim Lopes Trophy Barbosa Lima Sobrinho Trophy

.....

## 1 Prêmio: Para que te quero?

Na história da humanidade, encontramos vários exemplos de premiações pelo viés do reconhecimento. As palavras do Pe. Antônio Vieira permitem pensar o papel das premiações destinadas aos jornalistas. Toma-se como hipótese que os prêmios concedidos podem funcionar como matrizes de referência, geradoras e/ou reforçadoras de determinadas práticas que são gradativamente incorporadas ao *habitus* (no sentido empregado por Pierre Bourdieu) e funcionam como paradigmas da comunidade interpretativa do jornalismo (Traquina, 2008).

Necessário é logo que haja prêmios para que haja soldados, e que aos prêmios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado, e não ao herdado somente; deem-se ao valor, e não à valia, quer depois que no mundo se introduziu venderam-se as honras militares, converteu-se a milícia em latrocínio, e vão os soldados à guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que require (VIEIRA, 1998, s/p).

Percebe-se que os prêmios além de representar o coroamento de uma prática junto aos pares e também a sinalizam como deve ser a conduta dos profissionais em suas práticas de seleção, coleta, apuração, processamento e distribuição da informação noticiosa. Essas

práticas e condutas são gradativamente incorporadas ao que Bourdieu denominou *habitus* da identidade profissional de um campo social. Segundo a definição clássica de Bourdieu, o *habitus* deve ser pensado “como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. (BOURDIEU, 1992, 191)

Ou seja, no caso do campo jornalístico, essa forma de percepção perpassada pelas subjetividades individuais se reflete nos sistemas classificatórios da atividade profissional sobre o que é legítimo e ilegítimo: o que pode ser considerado verdade ou mentira; é noticiável ou não; por exemplo. Nesse ponto, a noção de campo social de Bourdieu é necessária para entender compreender como os profissionais são introduzidos na comunidade interpretativa jornalística. O autor propõe o conceito enquanto um “espaço onde se travam relações objetivas”, em que agentes (que são os sujeitos investidos de um *habitus*), lutam para determinar quem tem legitimidade para falar e o que é legítimo ser falado.

Esse espaço social é percebido como um “conjunto organizado”, através do qual as posições dos atores sociais se definem umas em relação às outras, constituindo um “sistema de posições” que se definem pela sua própria posição, como os pontos cardeais se definem em relação aos seus opostos. (BOURDIEU, 1983, p. 21). Ou seja, os atos só têm sentido relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. O campo social é, portanto, um “microcosmo” dotado de leis próprias que irá determinar o direito de entrada, o valor dos troféus em disputa, bem como os limites da subversão, através de um “acordo tácito” das regras do jogo entre seus participantes (BOURDIEU, 1997, p. 14).

O campo jornalístico seria, assim, uma situação institucionalizada, na qual os seus agentes (jornalistas, distribuidores, anunciantes, acionistas) desenvolvem suas ações como atividades regidas por regras e convenções válidas, tornando-se rotinas do trabalho diário. Assim, aqueles que fazem parte da comunidade interpretativa jornalística formam um contingente que organiza sua atividade pautada em uma rotina não apenas que gira em função da produção da notícia, mas passa por esquemas de percepções dos seus participantes, próprios do *habitus* da identidade profissional. É bom lembrar que são esses agentes que fazem parte das comissões julgadoras das premiações.

A percepção de que os trabalhos premiados são a materialização do reconhecimento profissional e tornam-se paradigmas da atividade jornalística baseia-se ainda no entendimento de que a lógica produtiva do campo é criada pela luta concorrencial, que ocorre em uma situação institucionalizada, na qual os agentes citados anteriormente desenvolvem suas ações como sendo atividades regidas por regras válidas, especificamente, para cada campo. Cabe nesse aspecto fazer a diferenciação conceitual entre reconhecimento e recompensa para dimensionar o papel das premiações.

Os dois termos são bastante usados na área de Gestão de Pessoas e, nesse âmbito destaca-ser que, dentre as principais pontos diferenciadores estão que as recompensas são tangíveis, materiais e/ou monetárias; portanto, podem ser consumidas, transferidas e, muitas vezes, esperadas e previamente estabelecidas em troca de um determinado trabalho ou ação. Já o reconhecimento, não. De valor inestimável, tende a ser intangível, portanto mais profundo. Não pode ser simplesmente consumido ou transferido para outrem. Não pode ser tirado de alguém e, muitas vezes, é inesperado, o que tende a despertar a emoção no agraciado, pois faz a conexão puramente humana, celebrando as pessoas por aquilo que fazem ou fizeram. Esse é o sentimento do vencedor ao conquistar um troféu oferecido pela premiação.

No âmbito jornalístico, as premiações mundo afora são praticamente incontáveis. É quase impossível fazer um mapeamento minimamente representativo, conforme analisa Alberto Dines, em artigo publicado em 2001 no *Observatório da Imprensa*: “O número de prêmios nacionais de jornalismo é enorme. Difícil de precisar porque não há um controle sobre eles, seus critérios, procedimentos e mesmo resultados. A Fenaj ou a ABI, naturalmente indicadas para disciplinar essa enxurrada, não fazem o acompanhamento” (DINES, 2002, s/p). Muitos atuam tanto no âmbito da recompensa quanto do reconhecimento. Uns poucos oferecem apenas o reconhecimento, mas isso não tira o interesse dos concorrentes. A longevidade de uma premiação, a respeitabilidade da entidade promotora, bem como os profissionais envolvidos na organização e até o nome do(s) jornalista(s) homenageados no certame ou em seus troféus podem fazer a diferença quando se trata de reconhecimento. A jornalista Fabiana Pereira comenta em sua dissertação de mestrado:

Os prêmios para jornalistas parecem operar como um incentivo positivo aos profissionais de redação (...) operam com o imaginário do jornalista na sua condição de divulgador da 'boa-nova', mensageiro da mudança (...) também são uma forma de dar um certificado de "bom" ou "mau" jornalista, pois atribuem uma espécie de selo e de qualificação ao profissional. (PEREIRA apud DIAS, 2008. P.166)

A partir de um rápido levantamento feito por Faccin e Ferreira (2013) nos *sites* da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) é possível identificar pelo menos cinco tipos de entidades promotoras de premiações para jornalistas: grupos empresariais públicos ou privados, organizações não governamentais de terceiro setor, órgãos associativos de classe, núcleos acadêmicos e de pesquisa e empresas de comunicação. Nota-se, portanto, que as que o reconhecimento da relevância da profissão parte de diferentes setores da sociedade. Talvez pela própria característica de o jornalismo abranger diversos domínios da inteligência e sensibilidade humana e possibilitar a visibilidade social.

Em relação à sua natureza, os prêmios criam diferentes categorias para dar conta da diversidade de formas narrativas que a prática jornalística assume. Elas refletem uma dada visão do campo e da competência profissional. Tais categorias podem ser distribuídas em três grandes grupos, a saber: práticas jornalísticas que remontam os meios de difusão das produções (rádio, televisão, mídia impressa e digital), assunto abordado (esportes, cultura, informação científica, ambiental, econômica, etc.) e a linguagem em que a informação é "formatada" (fotografia, reportagem cinematográfica, jornais, revistas, etc.). Como vimos, há premiações que, para reforçar o paradigma das práticas profissionais esperadas dos concorrentes, escolhem um jornalista renomado e/ou reconhecidamente relevante para o desenvolvimento da profissão, dão o seu nome a uma categoria específica, como é o caso do *Troféu Tim Lopes de Reportagem de Jornalismo Investigativo*, do *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* ou do *Prêmio Especial de Gênero Antonieta de Barros*, do *Prêmio Nacional Jornalista Abdias Nascimento*.

O *Prêmio Imprensa Embratel* (hoje *Embratel/Claro*) foi criado em 1999 e, desde 2003, oferece dois troféus por edição: o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* e o *Troféu Tim Lopes*. O *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* destina-se ao melhor trabalho da edição, independente da categoria em que foi inscrito, enquanto o *Troféu Tim Lopes* restringe-se às

reportagens de tema livre veiculadas em quaisquer meios desde que se adéquem à categoria investigativa do Jornalismo.

Para tal, o concorrente deve apresentar, no momento da inscrição, além do seu registro profissional, um histórico ou uma descrição de todo o processo investigativo para avaliação da Comissão Julgadora, que poderá redirecionar o trabalho caso este não se enquadre no que se considera como básico no processo investigativo, ou seja, “a reportagem terá de ser fruto da apuração/investigação do próprio repórter ou equipe de reportagem e exigido esforço e dedicação do(s) seu(s) autores, com trabalho de campo”, como expresso no regulamento do certame. A premiação das demais categorias não tem um troféu específico.

Espera-se que ao escolher um jornalista para nomear uma premiação - *Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo*, *Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, *Prêmio Nacional Jornalista Abdias Nascimento*, entre tantos outros exemplos possíveis; ou para dar nome ao troféu do grande prêmio ou uma categoria específica como no caso do certame estudado; esse ato demonstra o reconhecimento da excelência da trajetória profissional do homenageado, que deve servir de inspiração para os concorrentes. Barbosa Lima Sobrinho e Tim Lopes, além de terem uma grande diferença de idade; embora tenham sido contemporâneos, devido à longevidade do primeiro; atuaram em áreas bem diferentes do Jornalismo.

Enquanto o pernambucano Barbosa Lima Sobrinho nasceu ainda no século XIX, tendo sido advogado, deputado, líder da resistência à ditadura, historiador, acadêmico, presidente da ABI e tenha se dedicado à profissão por de 81 anos, até o dia de sua morte, aos 103; o gaúcho Tim Lopes, nascido Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, em meados do século XX, começou como contínuo na revista *Domingo Ilustrado* e, entre os anos 70 e 90, dedicou-se à mídia impressa até chegar à TV Globo, em 1996. Entre as suas técnicas de apuração estavam o uso de disfarces, identidades falsas e microcâmeras. Em 2002, aos 51 anos, ao fazer uma reportagem sobre a exploração de menores em bailes funk, foi capturado, torturado e morto por traficantes cariocas.

Ao observar as 15 edições já finalizadas do *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* e, mais especificamente as onze em que a categoria de *Reportagem de Jornalismo Investigativo* esteve presente, nota-se que, curiosamente, em várias ocasiões o vencedor do *Troféu Barbosa*

*Lima Sobrinho* havia se inscrito para o *Troféu Tim Lopes*. Esse artigo busca entender os paradigmas de excelência profissional propostos nos trabalhos agraciados com o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* e, em que medida se conectam com o Jornalismo Investigativo, tomando como hipótese, que o reconhecimento da excelência da prática jornalística esteja hoje muito associada aos métodos de investigação. Serão observados os 15 vencedores do prêmio principal e os onze do *Troféu Tim Lopes* em busca de pontos de contato entre eles e, de que maneira refletem a trajetória dos jornalistas que emprestam seus nomes aos troféus.

## **2 De Embratel a Embratel/Claro: Transformações do Prêmio Imprensa**

A premiação aqui estudada está ligada a um grupo empresarial da área de telecomunicações presente em todas as regiões do país e que carrega, ainda, o traço da brasilidade, embora na última década e meia tenha passado por profundas transformações. Não é de se estranhar que a primeira edição do *Premio Imprensa Embratel*, em 1999, tenha tido uma única categoria e na área das telecomunicações. Segundo Luiz Freitas, coordenador do Prêmio, a primeira edição tinha como objetivo “estimular a veiculação de reportagens sobre telecomunicações que contribuíssem para o aperfeiçoamento dos serviços, divulgassem novas tecnologias e trouxessem benefícios diretos para a sociedade, como mais qualidade, diversidade e melhor relação entre custo/benefício.” (FREITAS, 2015:sp). A reportagem vencedora, da jornalista Nice de Paula, de *O Dia* (RJ), foi *Telebras – Amanhã o maior leilão do mundo*. No ano seguinte, a premiação já apresentava a divisão categorias – inicialmente sete - cujo número e especificações foram se alterando ao longo outras 14 edições realizadas.

A Embratel é uma empresa de capital aberto, fundada em 1965, no Rio de Janeiro, sendo o braço estatal de longa distância da Telebras. Foi privatizada, em 1998, pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Após passar por vários grupos estrangeiros, desde 2011, pertence à empresa América Móvil, do empresário mexicano Carlos Slim, controlador também da Claro Participações e da Net Serviços. Em 2014, o conselho diretor da Anatel autorizou a unificação operacional das empresas e, para isso, a Claro teve que abrir seu capital, uma vez que ficou responsável pela concessão de telefonia fixa, nas modalidades de longa distância nacional e internacional. Na 15ª Edição da premiação, a última a ser realizada e cujos resultados foram anunciados em dezembro de 2014, sua denominação foi alterada



para *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*.

Embora em sua origem a premiação tenha sido concebida a partir de uma categoria, ligada a atividade fim do patrocinador, ela ganhou corpo no século XXI, chegando a ter 16 categorias, entre nacionais e regionais. Mostrou-se como um certame que está sempre se atualizando, criando novas categorias e extinguindo outras. Algumas, como as de *Reportagem de Correspondente Estrangeiro* e *Reportagem de Rádio* sumiram, outras fundiram-se. Em 2007, por exemplo, duas categorias de tecnologia foram unificadas em outra mais abrangente: *Tecnologia da Informação, Comunicação e Multimídia*.

As modificações mais recentes ocorreram em 2014, quando houve a alteração do nome certame. A categoria de Jornal/Revista e Internet foi novamente desmembrada em três – uma para cada meio, seguindo a tendência das demais premiações. As reportagens da categoria de TI/Telecom (anteriormente denominada *Tecnologia da Informação, Comunicação e Multimídia*) foram elegíveis apenas se veiculadas em mídias especializadas, impressa e/ou internet/portais de notícias. Na área de imagem, houve a redução de uma categoria na medida em que reportagens fotográficas e cinematográficas foram fundidas na categoria *Reportagem Foto/Cinematográfica – ou Imagem Jornalística (tema livre)* e as reportagens veiculadas em rádio passaram a frequentar as categorias Esportiva, Investigativa, Econômica, Cultural, Educação e Responsabilidade Socioambiental.

Discursivamente, as categorias de premiação são importantes porque representam a designação de uma prática jornalística, seu reconhecimento, sua institucionalização e sua autonomia em relação a outras práticas, substituindo um possível termo genérico que venha camuflar as distintas formas de produção noticiosa e esquemas de percepção próprios do *habitus* da identidade profissional jornalística. Deste modo, o nome da assegurará a coerência e a continuidade dos enunciados à maneira de uma pressuposição, porque remete a um saber já construído e/ou em construção, na medida em que se constitui num enunciado de referência que está em relação aos demais enunciados jornalísticos.

Quanto à sistemática de julgamento, após a inscrição na categoria, os trabalhos passam por sucessivos crivos de caráter jornalístico, envolvendo a checagem da autoria por jornalista com registro profissional e a divulgação em um veículo de mídia, por exemplo. O julgamento da 15ª edição manteve a sistemática anterior, sendo feito em três fases: *Pré-*



*Avaliação, Seleção Regional e Julgamento Nacional.* A Comissão de Pré-Avaliação é composta por um coordenador geral e mais sete membros (dois representantes de entidades de classe e cinco indicados pelo patrocinador). Essa comissão seleciona cerca de dez reportagens por categoria. Nessa etapa, é possível recomendar o remanejamento de um trabalho para outra categoria que não a indicada na inscrição, caso a comissão avalie que este não se enquadra na escolhida por seu autor. Na etapa de seleção regional, há uma nova comissão, composta por 12 jornalistas de todas as regiões do país, indicados pelos organizadores e pelo patrocinador. A comissão faz a avaliação das reportagens regionais, atribuindo notas aos trabalhos selecionadas pela Comissão de Pré-Avaliação. Com base na pontuação obtida, no mínimo, três matérias de cada região são encaminhadas para avaliação da Comissão Julgadora Nacional.

A Comissão Julgadora Nacional é composta por 12 membros, escolhidos entre renomados profissionais de imprensa. Seus nomes são amplamente divulgados, após a aprovação do patrocinador, organizadores e entidades que apóiam o projeto. Embora haja uma alternância de membros, o Júri Nacional mantém uma unidade. Os professores, jornalistas e escritores Arnaldo Niskier e Zuenir Ventura estão no Júri desde a primeira edição, assim como a ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, Janice Caetano, que costuma ocupar a presidência da comissão julgadora, sendo escolhida na reunião de instauração. Ela tem o poder de decisão em caso de empate em qualquer uma das categorias existentes. Caetano foi responsável, por exemplo, pelo desempate que, em 2007, premiou em o ensaio fotográfico “O começo do fim - efeitos do aquecimento global”, publicado no *Jornal do Comercio/PE*. No trabalho, o fotojornalista Marcos Michael retrata “a realidade da seca em Pernambuco, mostrando a paisagem castigada pelo aquecimento global e imagens de um povo que sofre as consequências cruéis da falta de água na região”<sup>3</sup>. Com essa decisão, houve uma ruptura pontual na tendência de a premiação valorizar apenas imagens de violência na categoria *Reportagem Fotográfica*.

O Júri Nacional atribui notas a cada um dos trabalhos de cada categoria e, por média, chega-se aos vencedores. Além disso, a comissão elege a reportagem para o *Grande Prêmio Barbosa Lima Sobrinho* e pode desclassificar trabalhos que não sejam adequados ao objetivo

<sup>3</sup> <http://www.premioimprensaembratel.com.br>. Acesso em 10 de abril de 2013, 13h23m.

do concurso. Essa comissão, ao contrário das fases anteriores, se reúne presencialmente para dirimir dúvidas e apontar o grande vencedor do prêmio, que deixará de ser o vencedor de sua categoria específica, abrindo a vaga para o segundo colocado. Seguindo a sistemática de outras premiações, o *Embratel/Claro* também informatizou os processos de inscrição, análise, julgamento e divulgação de resultados.<sup>4</sup>

### 3 Um troféu para o Jornalismo Investigativo à la Tim Lopes

O reconhecimento do lugar que o trabalho investigativo deve ocupar na prática profissional emergiu como categoria no *Prêmio Imprensa Embratel* apenas no ano seguinte à morte do jornalista carioca Tim Lopes, e foi denominada inicialmente de *Jornalismo Investigativo* e depois de *Reportagem Investigativa*. O regulamento específico para a categoria orienta sobre os critérios a serem observados na atividade jornalística para estar em condições de se candidatar ao troféu. Não são consideradas reportagens investigativas aquelas baseadas só em documentos (relatórios, processos, dossiês) passados ou fornecidos por terceiros. A categoria contempla reportagens únicas ou em série, independentemente do assunto e da mídia em que tenham sido veiculadas.

Ou seja, a investigação não é exclusividade de apenas uma área, mas das dimensões da vida humana e social, desde que relevante em um cenário e/ou realidade regional ou nacional. Pela visão do prêmio, a reportagem deve ser fruto da apuração/investigação do próprio repórter ou equipe, exigindo esforço e dedicação do(s) seu(s) autor(es), com trabalho de campo, cuja publicação deve gerar um desfecho concreto do caso abordado em suas respectivas esfera sociais de competência. O regulamento indica que a “consistência da reportagem poderá também ser comprovada pelo desfecho do caso abordado: capacidade de gerar investigação - policial, judicial ou parlamentar -, abertura de inquérito, processos, julgamento etc.”<sup>5</sup>

O assassinato de Tim Lopes, em junho de 2002, foi um marco para o posicionamento dos profissionais de imprensa, especialmente em relação à prática do Jornalismo Investigativo e das coberturas da editoria de Polícia. Lopes foi capturado quando fazia uma

---

<sup>4</sup>*Idem*

<sup>5</sup>*Idem*

reportagem investigativa sobre bailes funk financiados pelo tráfico no Complexo do Alemão, subúrbio carioca. Segundo dados publicados à época, a morte do repórter foi ordenada por Elias Maluco, um dos líderes da facção Comando Vermelho. Entre as práticas contumazes do repórter estava o uso de microcâmeras, equipamento descoberto pelos traficantes. O uso dessa estratégia de apuração propiciou a Tim Lopes o primeiro *Prêmio Esso de Telejornalismo*, em 2001, pela reportagem *Feira das Drogas*, exibida pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo. Suas imagens mostravam os traficantes da mesma Vila Cruzeiro, no Complexo do Alemão, anunciando o preço das drogas pelas ruas da comunidade. A partir da premiação, o rosto do jornalista tornou-se mais conhecido e, muitos colegas, à época, consideraram imprudente a sua volta à comunidade para uma nova matéria de caráter investigativo.

Antes de se formar em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Helio Alonso (Facha), Tim Lopes foi *office-boy* na revista *Domingo Ilustrado*, de Samuel Wainer, responsável pelo apelido “Tim”, pelo qual seria conhecido profissionalmente. No fim dos anos 60, já escrevia algumas reportagens para Wainer, mas ainda servia cafezinho na redação da revista *Manchete*, de Adolpho Bloch. Na década de 1970, atuou como jornalista no extinto jornal *O Repórter*, de lá foi para *O Globo*, onde ficou por cerca de 10 anos, depois para o *Jornal do Brasil*, onde permaneceu por cinco anos antes de ir para *O Dia*. Em 1981, lançou o livro *Terror Policial*, compilação das matérias mais contundentes produzidas por ele no Rio de Janeiro, e por Rivaldo Chinem, em São Paulo. Foi repórter ainda da sucursal carioca do jornal *Folha de São Paulo* até chegar a Rede Globo, em 1996.

O uso de disfarces para execução das matérias começou no jornalismo impresso. Para uma reportagem sobre as condições de trabalho nas obras do metrô do Rio, vestiu-se de operário; para uma reportagem do *JB*, passou-se por mendigo para retratar a realidade de meninos de rua. Quando trabalhou em *O Dia*, disfarçou-se de peão de obra e de sem-teto. Já na Globo, fantasiou-se de Papai Noel. Essas reportagens, bem como outras estratégias pouco ortodoxas do jornalista, foram lembradas por ex-colegas no documentário *Histórias de Archanjo*, lançado em 2014. Em entrevista concedida a *Revista Caros Amigos*, por ocasião dos 10 anos do assassinato, o jornalista Percival de Souza pontua que, apesar das polêmicas, a morte de Tim Lopes mudou a visão de muitos profissionais em relação ao trabalho em áreas de risco, o que ele classificou como “o AT e o DT, antes de Tim, depois do Tim”.

Uma mudança que o jornalista classifica como DT foi quando no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, em 2007, o novo texto do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros admitiu o uso de estratégias antes condenadas. O Art. 11 prevê que o jornalista não pode divulgar informações “obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, *salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração*”<sup>6</sup> (grifo nosso). Mas, Tim Lopes as usava muito antes disso. As empresas onde trabalhou sempre providenciaram as condições necessárias para que seus disfarces fossem credíveis, fossem elas de caráter estrutural (verba para compra de material de construção, por exemplo) ou temporal (quando, por exemplo, fingindo-se de drogado, ficou internado numa clínica para dependentes químicos).

Para estudar qualquer prêmio que homenageie Tim Lopes, além de observar a sua trajetória profissional, em busca de características do *ethos* profissional e de práticas a serem valoradas nos certames, é necessário partir da hipótese de que o jornalismo por ele praticado é adjetivado<sup>7</sup>. Enquanto que, para alguns, a expressão *Jornalismo Investigativo* é redundante e incômoda, visto que todo Jornalismo deveria pressupor a investigação; para outros, é clara a percepção de que há diversas matérias – como entrevistas coletivas, por exemplo – que não requerem investigação e, nem por isso, deixam de ser Jornalismo. Solano Nascimento, por exemplo, propõe que o Jornalismo Investigativo é uma prática diferenciada devido ao processo de trabalho dos profissionais, que utilizariam metodologias e técnicas não ortodoxas para obtenção e checagem das informações. Existiria, segundo ele, ainda o *Jornalismo sobre Investigações*, que se ocuparia da divulgação do trabalho daqueles cuja obrigação profissional seria investigar os crimes.

O jornalista Marcelo Beraba, ex-presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – Abraji, pontua que, nos últimos anos, o Jornalismo Investigativo tornou-se uma qualificação específica para as reportagens de mais fôlego, que demandam tempo e

---

<sup>6</sup> FENAJ. <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>, em 28 de junho de 2014

<sup>7</sup> Tim Lopes tem seu nome associado a outras duas premiações: *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo*, idealizado pela Central Disque Denúncia, através do Movimento Rio de Combate ao Crime (MOVRIO) e do Instituto Brasileiro de Combate ao Crime (IBCC) e o *Concurso Tim Lopes para Projetos de Investigação Jornalística*, criado através da parceria entre Andi (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e Childhood Brasil.

paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e recheagem numa a busca obsessiva por documentos e provas. É possível inferir que, pelo seu nível de excelência, mereceriam destaque em qualquer premiação.

Nascimento sintetiza três requisitos para que uma reportagem seja considerada investigativa: 1) A investigação deve ser feita por jornalistas e não fruto de investigações de outra ordem; 2) O tema deve ser de interesse público e ter relevância para a audiência; 3) A reportagem deve demonstrar a superação de obstáculos, visto que se tenta esconder o assunto do público. Contudo, o autor mostra-se incomodado ao perceber que, a partir dos anos 2000, “reportagens reproduzindo investigações oficiais passaram a frequentar listas de finalistas e ganhadores dos mais importantes prêmios de jornalismo do país” (NASCIMENTO, 2010:4) e que, não raro, o único mérito dos vencedores foi conseguir antes dos colegas um documento, relatório, gravação ou outro material produzido por alguém cuja função era fiscalizar e investigar em busca de atos ilícitos. Em consequência, autor se preocupa com os danos que esses resultados podem trazer para a atividade profissional, visto que reconhece que os prêmios funcionam como paradigmas de excelência da prática jornalística.

Ao fazer o levantamento das onze reportagens vencedoras do *Troféu Tim Lopes* é possível perceber que o homenageado foi um visionário. Seus métodos pouco ortodoxos, criticados por alguns por ferirem o Código de Ética Profissional anterior a 2007, acabaram se tornando paradigmáticos para o exercício do Jornalismo Investigativo. O *Troféu Tim Lopes* tem destacado as reportagens de televisão feitas com o recurso da câmera escondida, prática contumaz do jornalista. Sobre esse uso, a professora Sylvia Moretzsohn tem restrições, pois embora as imagens demonstrem naturalidade dos entrevistados visto que estes desconhecem a presença da câmera e o fato de estarem em conversa com um repórter, elas também

garantem o espetáculo - a sensação de que penetramos em lugares proibidos e ficamos sabendo de coisas que outros, eventualmente “poderosos”, gostariam de esconder. Mas essas “evidências” são falseadoras, tanto porque elidem a existência do jogo de representações inerente às relações sociais (o que a câmera expõe é vis to como um flagrante que surpreende algum ilícito, uma prova irrefutável de “verdade”, sem mediações ou interferências) como porque encobrem justamente essas interferências contidas na própria mediação: o comportamento do “repórter sem rosto”, as perguntas que não vão ao ar, o não revelado estímulo a que a fonte adote atitudes que configurarão o ilícito a ser comprovado. (MORETZSOHN, s/d)

Os disfarces de Tim Lopes, embora arriscados e por vezes criticados, também fizeram

escola e, ainda hoje, equipes de jornalistas inexperientes (ou não) chegam a se colocar em perigo ao se passarem pelo que não são: moradores de comunidades onde impera o tráfico ou a milícia, por exemplo, em busca de prêmios que tragam o reconhecimento profissional. O assassinato injustificável transformou Tim Lopes não apenas num mártir, mas em símbolo de um jornalismo premiável. Numa primeira análise feita por Ferreira (2015), pode ser constatado que a Rede Globo, onde Lopes trabalhava por ocasião de seu assassinato, foi a vencedora em três das sete ocorrências em que a reportagem escolhida foi transmitida pela TV. Dos quatro troféus restantes, dois foram entregues a jornais impressos, um para site o outro para uma reportagem multimídia (TAB1).

Essa constatação demonstra o poder da imagem televisiva e o uso crescente das microcâmeras como estratégia de comprovação das investigações. Ao assistir as reportagens, é possível notar disfarces, identidades falsas e imagens obtidas por microcâmera, que tiveram seu uso não apenas aceito, mas premiado antes de 2007, quando entrou em vigor o atual Código de Ética. Um exemplo disso é "Máfia dos Salvados", vencedor de 2004 e, percebe-se que a estratégia continuou a ser valorada dez anos depois em "Moto Fantasma", uma reportagem televisiva de quase 30 minutos, vencedora do Troféu Tim Lopes em 2014.

**Tabela 1 - Reportagem de Jornalismo Investigativo – Troféu Tim Lopes**

ANO	REPORTAGEM	VENCEDOR	VEÍCULO	SOBRE
2003	"Grampos ilegais na Bahia"	Marconi de Souza e equipe	Jornal A Tarde	revelou a escuta ilegal realizada pela Secretaria de Segurança Pública daquele estado, em 2002, totalizando 232 grampos telefônicos. A série mostrou a estrutura montada por Antônio Carlos Magalhães para espionar desafetos políticos e pessoais
2004	"Máfia dos Salvados"	Eduardo Faustini e Frederico Neves	Fantástico – TV Globo	revela, com a utilização de uma câmera oculta, a venda irregular de carros sinistrados e denuncia o esquema que alimenta a indústria do roubo e furto de automóveis.
2005	Órfãos da violência	Paulo Marqueiro e Elenilce Bottari	Jornal O Globo	revelou, a partir de um levantamento inédito, que a violência no Rio deixou, em 2003, pelo menos 2.985 órfãos, sendo 83% crianças e adolescentes. A série conta ainda histórias dramáticas de menores cujos pais foram assassinados e que vivem sem esperanças para o futuro.
2006	"A farra dos vereadores turistas"	Giovani Grizotti	RBSTV	mostra como R\$ 1 milhão foram gastos pela Câmara de Vereadores de Sapucaia do Sul, região metropolitana de Porto Alegre, com diárias em hotéis, quando deveriam custear cursos de qualificação. No lugar dos cursos, os vereadores preferiam as compras no Paraguai e passeios turísticos.
2007	"Máfia das funerárias"	Eduardo Faustini e equipe	Fantástico – TV Globo	denuncia o golpe do atestado de óbito comprado, que envolve agências funerárias e médicos desonestos. Constata ainda que os métodos ilegais empregados no esquema podem ser usados até mesmo para encobrir crimes como assassinatos

2008	“Cocaína - cidade refém”	Fábio Diamante e Thiago Bruniera	Série – TV SBT	conta como entra no Brasil a cocaína distribuída pelas Farc, através de Tabatinga, na fronteira com a Colômbia e o Peru, onde o vaivém de carros, motos e barcos é livre, sem qualquer fiscalização e as condições de segurança são precárias. Revela ainda que a própria polícia de Tabatinga teme um ataque das Farc, já que a cadeia da cidade está lotada de traficantes.
2009	“A farra das passagens”	Lúcio Lambranhó, Edson Sardinha e Eduardo Militão	www.congressoemfoco.com.br	mostrou o descontrole no uso das cotas parlamentares de bilhetes aéreos, com voos feitos por parentes e amigos ou comercializados em mercado paralelo ilegal, por deputados e senadores de todos os partidos. Um único parlamentar usou 40 bilhetes para viagens internacionais, todas particulares. Até estrelas de televisão viajaram com bilhetes pagos pela Câmara. As denúncias repercutiram na grande imprensa e a Câmara restringiu as viagens internacionais, que foram proibidas pelo Senado. Os voos a passeio de parentes também foram suspensos.
2010	“Diários secretos – Assembléia encobre metade de seus atos em diários suspeitos”	James Alberti, Kátia Brembatti, Karlos Kohlbach, Gabriel Tabatcheik e equipe	reportagem multimídia do jornal Gazeta do Povo/ impresso online/RPCT V,	revelou como a Assembléia Legislativa do Paraná escondia 56% de seus atos em diários secretos, encobrindo falsas contratações de funcionários e outras irregularidades.
2011	Fronteiras Escancaradas	César Tralli, com Pedro Mantoan e Fernando Ferro	TV Globo	revela o contrabando e o tráfico, de agrotóxicos, selos do Inmetro, cigarros, eletrônicos, gasolina, armas, drogas e animais, ao traçar um raio-x da fragilidade das fronteiras terrestres do Brasil. Constata, ainda, a corrupção policial, ameaças de morte a juizes e a transformação de aldeias de índios em território de narcotraficantes.
2012	Madeira Chipada	Jonas Campos, Carlos Rodrigues e Idemar Marcatto; Adiel Lima; Renato Mendes, Cheyla Ferraz e Robson Ricardo Crivelli; Alexandre Castanho.	TV Centro América	Uma área de floresta do tamanho de vinte mil campos de futebol em União do Sul, no norte de Mato Grosso, está sendo destruída por ladrões de madeira. Nossa equipe de reportagem instalou chips localizadores em algumas toras, nos principais pontos de retirada ilegal de madeira para flagrar um dos principais ladrões da floresta amazônica em Mato Grosso. Com o rastreamento o IBAMA fechou a serraria que recebeu madeira roubada e o gerente foi preso em flagrante.
2014	Moto Fantasma	Afonso Monaco e equipe	Domingo Espetacular – Rede Record	

Fonte: Textos retirados de [www.premioimprensaembratel.com.br](http://www.premioimprensaembratel.com.br)

Sobre as temáticas destacadas como relevantes para o exercício do Jornalismo Investigativo, embora o homenageado tenha se notabilizado pelas reportagens relativas aos menos favorecidos da sociedade e especialmente àquelas referentes à editoria de Polícia das



onze reportagens premiadas, quatro (36,36%) estão diretamente ligadas a outra editoria: Política. Há irregularidades associadas diretamente a políticos em “Diários secretos – Assembleia encobre metade de seus atos em diários suspeitos”, “A farrá das passagens”, tema que é retomado em “A farrá dos vereadores turistas” e “Grampos ilegais na Bahia”. Duas (18,18%) tratam especificamente de venda irregular de peças de carros ou motos : “Máfia dos Salvados” e “Moto Fantasma”. As outras cinco abordam irregularidades diversas, que vão do tráfico de drogas – um dos temas preferidos de Lopes - às consequências da violência urbana para jovens e crianças, outro tema destacado nas reportagens do jornalista.

Ao observarmos os textos que descrevem reportagem e justificam a premiação, há uma predominância do termo “revelar”. Como visto conceitualmente, é da gênese do Jornalismo Investigativo mostrar aquilo que estava intencionalmente escondido. Percebe-se que as reportagens são extensas e podem ser apresentadas em série. No caso da mídia impressa podem ser apresentadas em caderno especial ou em várias edições, como aconteceu com o primeiro vencedor do Troféu Tim Lopes, “Grampos ilegais na Bahia”, que rendeu diversas suítes.

#### **4 E o Doutor Barbosa? Que práticas jornalísticas são valoradas no Grande Prêmio?**

Se pudemos perceber que há ligação entre as práticas produtivas do jornalista homenageado e *modus operandi* da investigação no que se refere ao *Troféu Tim Lopes*, estas não são claras quando se trata do Grande Prêmio, até porque entre dentre as 14 edições em que houve divisão por categorias; na metade delas, o vencedor do *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* foi escolhido entre os finalistas do *Troféu Tim Lopes*. Se levarmos em conta apenas as premiações entregues a partir de 2003, quando a categoria *Reportagem de Jornalismo Investigativo* foi criada, teremos, com base nos dados da Tabela 2 (TAB 2) que, dentre as onze edições finalizadas, em sete, o Grande Prêmio foi atribuído a um trabalho finalista da categoria *Reportagem de Jornalismo Investigativo*, o que altera a porcentagem de 50% para 63,64%.

Essa constatação reforça a hipótese de que, pelo menos, segundo os critérios da Comissão Julgadora do *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*, o Jornalismo Investigativo é uma prática a ser especialmente valorada no campo e que a excelência profissional passa tanto

pela relevância dos temas escolhidos para as reportagens quanto pelos métodos de investigação, além das consequências da publicação do trabalho. Essa percepção parece não se restringir a relação entre os dois troféus, como enfatiza a Presidente do Júri, Janice Caetano, por ocasião da 14<sup>o</sup> edição do prêmio.

Resolvi inverter a lógica de análise que normalmente faço sobre as matérias inscritas e vitoriosas no 14<sup>o</sup> prêmio. Em geral, destaco os trabalhos investigativos e de denúncias que são de extrema importância para evidenciar mazelas profundas da sociedade brasileira, como o do Eduardo Faustini, sobre corrupção, vencedora do grande prêmio. Desta vez, no entanto, desviei o olhar para destacar que também ganham prêmios matérias com abordagens positivas. No 14<sup>o</sup> prêmio, “Tinoco”, de autoria do José Hamilton e equipe; “Aula de excelência na pobreza”, do jornal O Globo; “Nordeste em Rede”, do Diário de Pernambuco; e “Onde o Brasil desponta”, da Revista Exame, são exemplos de temáticas positivas e premiadas. Penso que a publicação das chamadas “matérias do bem”, produzidas com ética e responsabilidade, também contribuem para uma reflexão: que existe uma luz no fim do túnel. (CAETANO: 2013, s/p)

Essa “luz no fim do túnel” também parece ter sido a busca de Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, mais conhecido entre os pares da advocacia e da política como Doutor Barbosa, durante toda a sua vida profissional. Nascido em Pernambuco em 1897, filho de um tabelião e neto de um magistrado do Império, formou-se, aos 20 anos, em Direito pela Faculdade de Recife, sendo nomeado promotor público substituto, mas quando foi aprovado em primeiro lugar como professor de Direito, teve o concurso cancelado para que outrem assumisse o cargo.

Sem perspectivas profissionais, deixou o Nordeste, onde já escrevia suas crônicas para o *Jornal do Recife*, artigos para o *Diário de Pernambuco*. Chegou ao Rio de Janeiro em 1921, quando passou a se dedicar ao jornalismo no *Jornal do Brasil*, onde permaneceu até a sua morte aos 103 anos, em 2000. Com 27 anos, Barbosa Lima já era redator-chefe da publicação e aos 30 passou a assinar a coluna “Coisas da Política”, publicada aos domingos, na qual durante 73 anos ininterruptos “contou e comentou praticamente um século de história do Brasil” (BARBOSA, 2009:90). O jornalista conviveu com grandes transformações na política brasileira, a Revolução de 1930, o Golpe Militar de 1964, Diretas Já, Caras-pintadas, etc. Como presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) foi um dos primeiros signatários do pedido de *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. Na ABI,

conseguiu ser seu mais novo e mais velho presidente, tendo assumido o cargo em diversos períodos: 1926 a 1927; 1930 a 1932 e 1978 a 2000.

Como escritor, sua carreira começou em 1923, dois anos depois de ser contratado pelo *JB*, quando publicou o livro *O Problema da Imprensa*. Escreveu ainda sobre Direito, História e Política, sendo eleito em 1937 para Academia Brasileira de Letras (ABL), que chegou a presidir entre 1953 e 1954. Conhecido pelos seus ideais nacionalistas e já tendo se filiado a partidos como PSB; PSD; UDN; MDB, Barbosa Lima Sobrinho foi Deputado Federal em diversas legislaturas, chegou a governador de Pernambuco no fim dos anos 40 e candidatou-se a vice-presidente da República na chapa de oposição encabeçada por Ulysses Guimarães, em 1973. Nos anos 70, participou da campanha pela anistia ampla, geral e irrestrita, cuja vitória chegou em 1979. Em uma das entrevistas que compõem o documentário *Barbosa Lima Sobrinho – Cidadão do Brasil*, citado por Barbosa (2009), ele afirma que “o prazer da vida é lutar: Lutar sem pensar no resultado. Seja ele qual for, bastou o período da luta para valer de compensação ao esforço individual”.

O Doutor Barbosa foi um articulista, um político e um comentarista dessa editoria. Sua atuação é bem diferente das práticas de apuração de Tim Lopes, embora os ideais de Justiça possam em alguns momentos aproximar o Pernambucano do Gaúcho. Enquanto Lopes migrou do jornalismo impresso para o televisivo, Barbosa não se dedicou à imagem e permaneceu fiel às “pretinhas”. Conforme pode ser constatado na TAB 2, dos 14 Grandes Prêmios, a metade foi obtida por veículos impressos (cinco jornais e duas revistas), sendo que um deles não foi dado a um texto jornalístico, mas sim a uma sequência fotográfica - “Crime à liberdade de imprensa”, de Domingos Peixoto, do jornal *O Globo*, em 2014. A outra metade foi ganha por emissoras de TV, o que reforça a percepção baseada no estudo da categoria anterior quando se pontuou a importância da televisão para o Jornalismo.

Entre os vencedores, o destaque é para a Rede Globo em seis edições, ou seja, 48,85% dos resultados gerais. Se somarmos os veículos pertencentes às Organizações Globo, chegaremos a nove ocorrências, que representa 64,28% dos vencedores. Se compararmos os resultados apenas entre apenas os trabalhos televisivos premiados, a Rede Globo será a vencedora em 85,71% das edições. Esses resultados indicam um possível desnível entre as

condições de produção oferecidas pela Globo, bem como a qualidade de seus jornalistas, em comparação com os das demais emissoras.

**Tabela 2 - Grande Prêmio Barbosa Lima Sobrinho**

Ano	Reportagem	Veículo	Autor(es)	Categoria original
2000	" <i>Os arquivos da ditadura</i> " - série de reportagens abrangendo desde a época Vargas até o regime militar, trazendo à tona arquivos secretos dos governos desses períodos e revelando fatos importantes da política nacional,	O Estado de S. Paulo	Hugo Marques e Edson Luiz	JORNAL E REVISTA - Não existia a categoria de Reportagem de Jornalismo Investigativo
2001	" <i>Fome</i> " - A reportagem apresenta estatísticas estarrecedoras, dentre elas a que indica que a cada cinco minutos morre uma criança no Brasil por problemas causados pela falta de comida. Constata ainda que 36 milhões de brasileiros não têm o que comer.	Jornal Nacional/TV Globo	Marcelo Canellas	TELEVISÃO - Não existia a categoria de Reportagem de Jornalismo Investigativo
2002	" <i>Quase o peso de um passarinho - Dois anos depois</i> " - A repórter volta ao sertão de Alagoas, depois de dois anos, para constatar a melhoria das condições de vida da população local em função de iniciativas sociais, mas lamenta o que ainda não foi modificado. Na primeira visita, uma criança vivia em condições miseráveis e tinha "quase o peso de um passarinho	TV Cultura/SP	Neide Duarte	TELEVISÃO - Não existia a categoria de Reportagem de Jornalismo Investigativo
2003	" <i>Máfia dos fiscais</i> " - constatou movimentações financeiras suspeitas de oito auditores da Receita Federal e revelou um verdadeiro escândalo: a existência de uma estrutura de corrupção instalada na Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro.	IstoÉ	Amaury Jr., Sônia Filgueiras e equipe	REPORTAGEM INVESTIGATIVA
2004	" <i>Kuarup/Xingu</i> " - mostra o cotidiano dos índios do parque indígena Xingu, suas crenças, costumes e cultura, dentre elas o Kuarup, ritual em que acreditam trazer de volta líderes mortos.	TV Globo	Ivaci Matias, Cristina Piasentine e José Henrique	TELEVISÃO
2005	" <i>Abuso Sexual Infantil</i> " - a série investigou casos e retratou histórias exemplares de abuso e exploração sexual, cometidos contra crianças e adolescentes em pontos distantes do Brasil, ressaltando a incapacidade do Estado em punir os agressores.	TV Globo/Globo Repórter	Delis Ortiz, Denise Sobrinho e Maurício Maia	REPORTAGEM INVESTIGATIVA
2006	" <i>As ambulâncias da fraude</i> " - escândalo que ficou conhecido como "A máfia dos sanguessugas",	Correio Braziliense	Gustavo Krieger, Marcelo Rocha, Leonel Rocha, Luciene Soares, Ana Maria Campos, Lúcio Vaz e Ugo Braga	JORNAL/REVISTA
2007	" <i>Adulteração de combustível</i> " - mostra os riscos que os motoristas correm quando abastecem seus veículos em São Paulo, onde há dezenas de postos que vendem gasolina adulterada, abastecidos pelo comércio clandestino de combustíveis que dispõe de uma complexa rede de distribuição.	TV Globo	César Tralli, Robinson Cerântula e Willian Santos	REPORTAGEM INVESTIGATIVA
2008	" <i>A ditadura nas favelas</i> " - série revelando a opressão de 1,5 milhão de brasileiros que ainda vivem na ditadura, sujeitos a verdadeiras leis de exceção impostas pelos traficantes e milicianos das favelas cariocas. As reportagens levantaram,	O Globo	Carla Rocha, Dimmi Amora, Fábio Vasconcelos,	REPORTAGEM INVESTIGATIVA

	durante quatro meses, inúmeras histórias sobre violação de direitos humanos, execuções, desaparecimentos, tortura, exílio, cerceamento do direito de ir e vir, censura e outros crimes		Sérgio Ramalho e equipe	
2009	<b>“Caso ZOGHBI”</b> - a série de reportagens revelando as negociatas do ex-diretor de Recursos Humanos do Senado, João Carlos Zoghbi, levantaram informações de que Zoghbi abriu cinco empresas em nome de sua ex-babá, uma senhora de 83 anos e semi-analfabeta, para receber propina de bancos. Além disso, tentou subornar os jornalistas com um automóvel Mercedes Benz e acusou o ex-diretor geral do Senado de comandar um grande esquema de corrupção naquela instituição.	Época	Andrei Meireles e Matheus Leitão	REPORTAGEM INVESTIGATIVA
2010	<b>“Senado usou 300 atos secretos para beneficiar amigos”</b> - revela a existência de 300 atos secretos do Senado e benefícios ilegais, patrocinados pelo então presidente da Casa, através de nomeações de amigos e parentes de senadores e de altos funcionários.	O Estado de São Paulo	Rosa Costa, Leandro Colon, Rodrigo Rangel e equipe	REPORTAGEM INVESTIGATIVA
2011	<b>“Fuga da Vila Cruzeiro”</b> - uma transmissão ao vivo registra a maior debandada de traficantes de uma favela carioca. As imagens da fuga de homens armados, pela mata, foi a cena mais marcante da cobertura da ocupação do Complexo do Alemão, no subúrbio do Rio, em novembro de 2010.	TV Globo	Francisco de Assis	REPORTAGEM CINEMATOGRAFICA
2012	<b>“A cara da Corrupção”</b> - A reportagem revelou o que acontece em um gabinete onde são fechados contratos com dinheiro público. Durante os dois meses em que o repórter Eduardo Faustini se fez passar por gestor de compras em um hospital público federal, empresas que vendem serviços e materiais médicos foram convidadas para participarem de concorrências fictícias. Câmeras escondidas flagraram como são feitas licitações com cartas marcadas, combinação de pagamento de suborno e simulações para fugir da fiscalização do governo.	TV Globo	Eduardo Faustini, André Luiz Azevedo e Renato Nogueira	REPORTAGEM INVESTIGATIVA
2014	<b>“Crime à liberdade de imprensa”</b> - flagrante do fotógrafo Domingos Peixoto, para o jornal O Globo, registrando o momento exato no qual o cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, foi atingido por um rojão explosivo, culminando com a sua morte.	O Globo	Domingos Peixoto	REPORTAGEM FOTO-CINEMATOGRAFICA

Textos retirados de [www.premioimprensaembratel.com.br](http://www.premioimprensaembratel.com.br)

Com relação à temática dos trabalhos premiados, percebemos que assim como no *Troféu Tim Lopes*, a política tem lugar de destaque na denúncia de irregularidades. Em seis deles - 42,86% dos trabalhos vencedores do Grande Prêmio -, políticos ou funcionários públicos são flagrados ou documentos comprovaram suas ações ilícitas: “Os arquivos da ditadura”, “Máfia dos fiscais”, “Ambulâncias da Fraude”, “Caso ZOGHBI”, “Senado usou 300 atos secretos para beneficiar amigos” e “A cara da Corrupção”. Dentre elas, quatro eram originalmente finalistas na disputa pelo *Troféu Tim Lopes*. Na reportagem “Adulteração de Combustível”, o alvo da denúncia se desloca dos políticos para os responsáveis pelo comércio clandestino de combustíveis em São Paulo.

Exemplos genuínos do Jornalismo Policial não desempenhado por Barbosa Lima e sim por Tim Lopes podem ser encontrados pelo menos em duas ocorrências - "Fuga da Vila Cruzeiro", inscrita como *Reportagem Cinematográfica* e "A ditadura nas favelas", como *Reportagem de Jornalismo Investigativo*. Três dos trabalhos merecedores do *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* relatam problemas brasileiros – caros às reportagens de Tim Lopes - e que deveriam sensibilizar a classe política: a fome, a desnutrição e a exploração sexual infantil.

Nos textos institucionais de apresentação dos trabalhos não há diferenças marcantes em relação à categoria anteriormente estudada. Continuamos a encontrar a preponderância do termo "revelar", seguido do "mostra", "apresentar", "investigar" e "registrar", o que reforça a gênese da atividade Jornalística, seu ethos profissional e destaca o papel da investigação para trazer a tona (uma das expressões também usadas nos textos) o que estava intencionalmente escondido da opinião pública.

## 5 Considerações Finais

A partir de um breve estudo comparativo entre os dois troféus oferecidos pelo *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* pode-se perceber que não há uma clara diferenciação entre os valores destacados por cada um dos troféus. Embora Barbosa Lima Sobrinho e Tim Lopes tenham tido trajetórias profissionais bastante diversas, os resultados não refletem diretamente a identidade profissional dos jornalistas homenageados. Em 50% das edições, ou seja, em sete delas, o Grande Prêmio foi conquistado pelo vencedor da categoria *Reportagem de Jornalismo Investigativo*. Ao receber o Troféu Barbosa Lima Sobrinho, o trabalho agraciado abre lugar em sua categoria para que o segundo lugar torne-se o vencedor. Sendo assim, em metade das edições, o Jornalismo Investigativo foi duplamente premiado – com o Grande Prêmio e com o *Troféu Tim Lopes*, específico para a categoria.

Desde que a premiação se organizou em categorias, foram entregues 25 troféus (14 *Barbosa Lima Sobrinho* e onze, *Tim Lopes*). Nesse período, além do valor atribuído ao Jornalismo Investigativo, vencedor de 18 deles (72%), notou-se o destaque dado à mídia televisiva em 52% das edições, sendo ganhadora de 13 troféus (sete *Tim Lopes* e seis, *Barbosa Lima Sobrinho*). A preponderância da Rede Globo no *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* é notável (cinco prêmios), enquanto no *Tim Lopes* recebeu três, sendo seguida pela

RBSTV (1), do mesmo grupo; TV Centro América (1), SBT (1) e Record (1).

Nos 48% dos troféus ganhos pelos demais meios não há nenhuma reportagem de rádio, mas encontram-se duas delas divulgadas prioritariamente em mídia digital. É importante ressaltar ainda o reconhecimento que a premiação oferece à imagem jornalística, visto que pode duas vezes o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* foi conquistado por imagens de flagrantes – uma reportagem cinematográfica e uma sequência fotográfica. É curioso perceber como o aprofundamento das investigações e o “fôlego” das reportagens investigativas premiadas não ocorrem prioritariamente nos jornais e revistas. Normalmente, os trabalhos vencedores são fruto do trabalho em equipe, 21 dos 25 trabalhos vencedores – com um ou outro troféu – demonstram a importância da parceria especialmente com relação às práticas investigativas.

Não há uma distinção entre os trabalhos escolhidos em função do jornalista que dá nome ao troféu. Práticas mais próximas do estilo Tim Lopes de investigação recebem o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho*, assim como escândalos envolvendo o desvio de recursos públicos e políticos corruptos, assuntos mais próximos da editoria a qual Barbosa Lima se dedicou boa parte da vida recebem o *Tim Lopes*. Isso pode indicar que o importante é homenagear um jornalista paradigmático, de modo que os trabalhos vencedores reflitam o *ethos profissional* e os valores de excelência professados pela comunidade interpretativa dos jornalistas, mesmo não reflitam diretamente a prática cotidiana daquele que empresta seu nome à premiação ou a um troféu.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Campo científico em Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

CAETANO, Janice. & FREITAS, Luiz. **Prêmio Imprensa Embratel – 10 Anos**, Rio de Janeiro. Embratel, s/d

DIAS, Robson. **A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso**. Dissertação. UNB. Brasília, 2008. [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3548/1/2008\\_RobsonDias.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3548/1/2008_RobsonDias.pdf)

DINES, Alberto. *Prêmios e Galardões*, 2002, [www.observatiodaimprensa.com.br](http://www.observatiodaimprensa.com.br).



FACCIN, Milton. e FERREIRA, Soraya. *Jornalismo de roupa nova: Considerações sobre e a identidade e a prática profissional a partir do Prêmio Imprensa Embratel*. In **Brazilian Journalism Research** n.9 volume 2

FERREIRA, Soraya. *Jornalismo Investigativo no Prêmio Imprensa Embratel/Claro: uma análise das reportagens que conquistaram o Troféu Tim Lopes*, **Anais do II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo 2015**, em <http://www.abraji.org.br/seminario/2seminario.html>

MORETZSOHN, Sylvia . *O caso Tim Lopes e o mito da “mídia cidadã”*, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-tim-lopes.pdf>

NASCIMENTO, S. **Os Novos Escribas**. Porto Alegre. Arquipélago Editorial, 2010

EMBRATEL. **Prêmio Imprensa Embratel 14º edição** , 2012

EMBRATEL. **Prêmio Imprensa Embratel/ Claro 15º edição**, 2014, em <https://www.institutoclaro.org.br/infograficos/ebook-premio-imprensa>

HISTÓRIAS DE ARCHANJO, documentário, 2014

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume II**. Santa Catarina: Insular, 2008

VIEIRA, Antônio. *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*. In.: **Literatura Brasileira**, textos literários em meio eletrônico, 1998. [http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/0006-02072.html](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02072.html)